

Em 1938, vivendo em Pequim, Teilhard de Chardin travou conhecimento com Claude Rivière, professora e jornalista, que dirigia a Radiodifusão francesa em Shangai. Em 1968, Claude Rivière publica a obra «En Chine avec Teilhard», (1938-1944), onde relata o fascínio que a descoberta do seu pensamento teve sobre ela, revelado ao longo de diversos encontros, que se prolongaram já em França, após o regresso de ambos após o fim da guerra. Nesse livro, a autora insere algumas cartas que Teilhard lhe escreveu. A Associação francesa, que, neste tempo de confinamento, tem feito chegar aos seus associados diversos textos de Teilhard, escolhidos com o propósito de lhes propiciar uma leitura espiritualmente reconfortante, acaba de divulgar uma dessas cartas, que passo a traduzir e que penso encerra uma visão muito estimulante da condição da humanidade em tempo de crise. É uma carta de 1942, quando reinava em Pequim o regime de opressão japonês e Teilhard se encontrava confinado à sua residência e a pouco mais.

Péking, 14 décembre 1942

Cara Claude

[...] Não procure excessiva e prematuramente penetrar e antecipar o futuro, Claude, mas confie nele (na medida em que ele é, para cada um de nós, portador da acção criadora divina); e, para que esta confiança não seja preguiçosa, mas conquistadora, preocupe-se em viver o momento *presente* com plena fidelidade e consciência. Esta sequência de passos, dados um a um, na *confiança* e na *esperança*, conduz-nos, tanto a si como a mim, rumo a algo que desconhecemos. Mas, após inúmeros tateamentos, não encontrei melhor fórmula, no que me diz respeito, para definir e guiar a minha vida interior, do que esta (em que todo o «Meio Divino» se resume): “Comunicar com o *Devir*”, na medida em que exprime, a cada instante, a totalidade da acção amante e personalizante de Deus em nós, através do Universo.

É nesta comunhão, perseguida em comum, que nós nos encontraremos, partilharemos e convergiremos. Para este esforço não há necessidade de metafísica, mas apenas o cuidado, normal e pacificante, de conseguir a nossa unidade interior: entre a inteligência, o coração e a acção. O que, sem dúvida, significa estudo e reflexão. Mas que é, sobretudo, uma questão de oração, de boa vontade e de espera, a uma certa luz e numa determinada visão. É esta luz, é esta visão, que em comum nós devemos procurar, desenvolver em nós, cada um à sua maneira. Eu apoio-me numa certa perspectiva apaixonada da Matéria, que (como lhe disse) me seduziu desde que nasci. A Claude construir-se-á a partir de uma determinada percepção estética e lírica do Mundo. – Continue a ser plenamente igual a si mesma e considere que a soma das suas experiências passadas é o tecido espiritualizável do espírito que nasce em si. Do passado retenha (mas retenha bem!) apenas as impulsões multiformes que tendem a impeli-la para a frente. Visto desde modo, nada é inútil, nada é vazio, nada é de lamentar do Passado, – desde que recolhamos e refundemos o todo num gesto de “comunhão” em frente. [...]

A bientôt d'autres nouvelles.

De tout cœur

Yours

Pierre

[Claude Rivière, *En Chine avec Teilhard 1938-1944*, Seuil, 1968, p.227]